

Omissões mediáticas num caso de racismo na infância

Dá-se o caso insólito de serem mais os *media* brasileiros *mainstream* a divulgar um caso ocorrido em Lisboa, no Festival MIL, do que os *media* nacionais.



Cristina Roldão

12 de Outubro de 2023, 6:33

Oferecer artigo 6

Fora do papel, dos ecrãs e dos espaços *online* dos grandes *media* nacionais, o ato de violência contra duas crianças negras no Festival MIL, no dia 28 de setembro, correu o risco de ficar totalmente invisível no espaço mediático português. Será mais importante uma entrevista a Woody Allen? Será mais relevante a discriminação racial dirigida aos filhos dos atores Giovanna Ewbank e Bruno Gagliasso na Costa da Caparica, em que a posição privilegiada destes pais os tornou visíveis para os *media* brasileiros e portugueses, ao ponto de até *Lula da Silva* e Marcelo Rebelo de Sousa se verem na necessidade de tomar posição pública?

Em Portugal, foram *media* alternativos, com suporte exclusivamente *online*, maiores dificuldades de sobrevivência financeira, que deram visibilidade ao ocorrido no Festival MIL, noticiando-o logo na altura, caso da Bantumen, mas também publicando, alguns dias mais tarde, a carta aberta “Não serei eu uma criança? Racismo na infância em Portugal”, como fez a Afrolink, a Afrolis, o Buala, o Setenta & Quatro e, mais uma vez, a Bantumen. Nessa carta aberta procura-se romper com uma interpretação moral e individualista de uma violência que tem as suas raízes em desigualdades étnico-raciais estruturais e institucionais que criminalizam as crianças negras e ciganas. Um dos exemplos mais recentes disso são os dois últimos Relatórios Anuais de Segurança Interna (RASI 2001 e 2022) que criminalizam a música drill e a juventude negra. Perante o entendimento raso que o sistema de justiça tem sobre o que é o racismo, os subscritores da carta chamam a atenção para o provável descaso jurídico que o caso do Festival MIL terá em tribunal. Foi assim no caso da Esquadra de Alfragide e tantos outros antes. Tudo indica que também será assim no caso de violência policial sobre Cláudia Simões, que irá a julgamento já no dia 8 de novembro. Será diferente neste caso de racismo na infância?



"Não serei eu uma criança? Racismo na Infância em Portugal" - Carta Aberta

A Carta Aberta "Não serei eu uma criança? Racismo na Infância em Portugal", alude à perseguição e acusação de roubo a que duas meninas negras foram sujeitas no Festival MIL, em Lisboa.

[Lire cet article sur afrolink.pt >](#)

Dá-se o caso insólito de serem mais os *media* brasileiros *mainstream* a divulgar um caso ocorrido em Lisboa do que os *media* nacionais. Refiro-me ao UOL, maior portal de notícias *online* do Brasil, a *Billboard* do Brasil, o G1 um portal *online* de notícias do grupo Globo que, entre outros, escreveram sobre o sucedido no Festival MIL. É verdade que esteve ausente a maioria dos *media* “gigantes” e prestigiados do Brasil, mas existiu, ainda assim, alguma cobertura mediática do caso.

Em poucos dias, a referida carta aberta reuniu duas centenas de subscrições de organizações e pessoas antirracistas, entre as quais eu, dos dois lados do Atlântico. Não se pode, contudo, escamotear que apenas um terço eram subscrições masculinas. Será a infância e o combate ao racismo nessa fase da vida um trabalho para mulheres? Entre as subscrições encontramos figuras políticas com algum destaque no Brasil, como as deputadas federais do PSOL, Érika Hilton e Talíria Petrone, ou a deputada estadual Leci Brandão, do PCdoB-SP. Mas do lado de cá, não fosse a presença da ex-deputada Joacine Katar Moreira, esse tipo de figura política estaria completamente ausente.

A maior atenção brasileira à questão decorre, por um lado, do maior “letramento racial” do Brasil, por via das lutas dos movimentos negro, indígena e outros, e das políticas dirigidas às desigualdades étnico-raciais que há vários anos vêm sendo implementadas. Se em Portugal a dita “opinião pública”, ou pelo menos uma parte importante dela,

ainda se sente à vontade para contínua e displicentemente perguntar “Será que existe racismo em Portugal?”, no Brasil, este debate encontra-se já num estágio de reconhecimento, mais ou menos generalizado, de que o problema existe, mas obviamente com vários entendimentos sobre o mesmo e sobre que políticas implementar. Por outro, os *media* brasileiros na cobertura noticiosa sobre a diáspora brasileira têm vindo a dar uma crescente atenção à xenofobia e ao racismo vividos em Portugal. Estes canais noticiosos, pela sua escala e poder, têm uma capacidade significativa de pressão sobre os *media* e instituições políticas portuguesas que esperamos que possa contribuir para alterar a relação de forças também aqui.

A autora é colunista do PÚBLICO e escreve segundo o novo acordo ortográfico